

COSMOVISÕES DE POVOS ORIGINÁRIOS E DESIGN ESPECULATIVO PARA UM NOVO SISTEMA DE MODA

Cosmovisions of Indigenous People and Speculative Design for a New Fashion System

Cordeiro, Pedro Hermano Gonzalez; Mestrando; Universidade de Brasília, hermanogcordeiro@gmail.com¹
Abreu, Breno Tenório Ramalho de; Prof. Dr.; Universidade de Brasília, breno.abreu@unb.br²
Grupo de Pesquisa em Design, Cultura e Materialidade

Resumo: A cadeia produtiva de moda tem sido incapaz de se adequar as necessidades ecológicas de um mundo em emergência climática. Para que isso ocorra é necessário que, além de mudanças pontuais em determinados setores, haja uma mudança radical, ampla e sistêmica na maneira de se produzir moda. É aposta dessa pesquisa, portanto, tomar como inspiração as cosmovisões de povos originários do continente americano para construção de um outro sistema de moda, centrado no planeta, a partir do design especulativo.

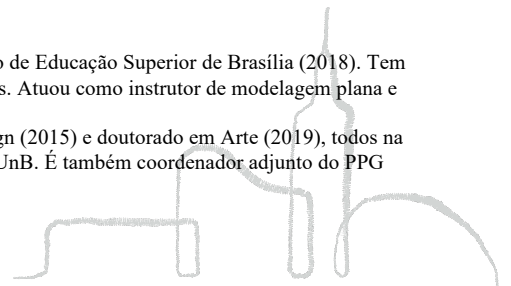
Palavras chave: sistema de moda; cosmovisões de povos originários; design especulativo.

Abstract: The fashion production chain has been unable to adapt to the ecological needs of a world in a climate emergency. For this to happen, in addition to specific changes in certain sectors, there must be a radical, broad and systemic change in the way fashion is produced. This research aims to take inspiration from the cosmovisions of indigenous people of the American continent to build another fashion system, centered on the planet, based on speculative design.

Keywords: fashion system; indigenous people cosmovisions; speculative design.

¹ Cursa mestrado em Design pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Design de Moda pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (2018). Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Desenho de Moda e na área de pesquisa de tendências. Atuou como instrutor de modelagem plana e contribuiu para a reestruturação e sistematização do plano de ensino da Fabrica Social - GDF (2021).

² Possui graduação em Desenho Industrial (2010), graduação em Ciências Biológicas (2006), mestrado em Design (2015) e doutorado em Arte (2019), todos na Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professor no curso de graduação e pós-graduação em Design da UnB. É também coordenador adjunto do PPG Design/UnB, editor chefe da Revista Design, Tecnologia e Sociedade e coordenador do LabModa/UnB



Introdução

Ainda na década de 60 surge o interesse da indústria da moda em explorar possibilidades sustentáveis de produção e consumo de itens do vestuário (Gwilt, 2014). Agora, cinco décadas depois, “a produção de vestuário tem o maior impacto ambiental do ponto de vista do ciclo de vida [do produto] em termos de mudanças climáticas, poluentes tóxicos e contribuição para a escassez de água”, em questão de matéria prima “63% de todas as fibras no mercado são sintéticas e de base fóssil (principalmente poliéster)” e de forma geral, “a indústria global de vestuário foi responsável por 6,7% do impacto climático global total em 2016” (Mistra, 2020).

Não é possível, portanto, dizer que a indústria da moda é aliada da natureza. Como se pode observar no infográfico abaixo (figura 1), essa é uma grande indústria global complexa, com processos interdependentes que afetam de diversas formas os contextos nos quais estão inseridos. Da obtenção da matéria-prima à distribuição, passando pela manufatura de tecidos e roupas e se estendendo até o descarte dos itens têxteis, os impactos socioambientais dessa cadeia produtiva são diversos e presentes em todos os setores, contribuindo significativamente para a crise ecológica global.

A produção de algodão, por exemplo, é majoritariamente derivada da monocultura, responsável pelo desmatamento de diversos biomas, pela contaminação de solos e aquíferos a partir do uso de agrotóxicos e motivo de conflitos violentos por território com povos indígenas. Já na manufatura de tecidos e roupas, podemos destacar o uso de químicos no tratamento de tecidos, como o tingimento, que poluem rios e oceanos, o uso massivo de água e energia e as pobres condições de trabalho, tanto em fabricas quanto nas novas formas de trabalho desvinculado e precarizado. Ainda há na distribuição as emissões de CO² derivadas do transporte internacional de material e produtos acabados, além do descarte de itens antes do tempo e desperdícios de têxteis (Gwilt, 2014).

Contudo, também é injusto dizer que não há iniciativas genuinamente empenhadas em promover a dita sustentabilidade, seja pelo emprego de matérias-primas inovadoras ou reaproveitadas, como feito por Stella McCartney e Marine Serre, respectivamente, ou pela associação de trabalhadoras(es) em prol de melhores condições de trabalho e usufruto sustentável da terra, como o Mulheres do Jequitinhonha, por exemplo. Há um limite, contudo, a qualquer bem-intencionada iniciativa sustentável isolada, formador da lacuna de 60 anos entre a faísca de interesse da indústria da moda com o tema da sustentabilidade e a indústria multibilionária destruidora de biomas que ela é hoje: a lógica do crescimento econômico, intrínseca ao modelo de produção atual, o capitalismo (Saito, 2022).

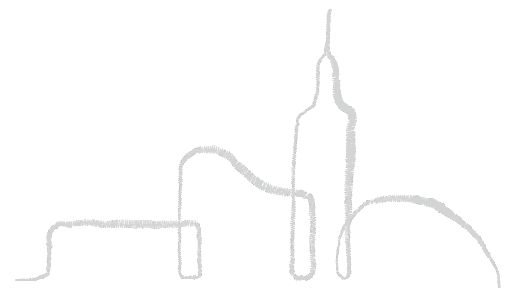
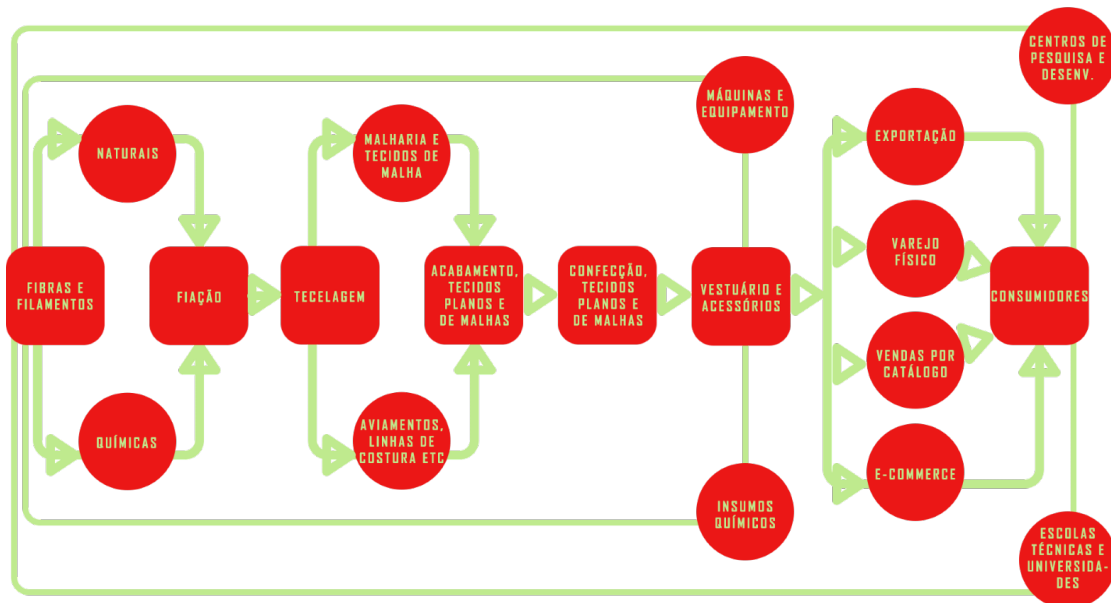


Figura 1: Infográfico cadeia produtiva de moda atual.



Fonte: Autoria própria, inspirado no infográfico da IEMI (2023, p. 24).

Segundo Kate Fletcher e Mathilda Tham, essa lógica é o principal motivo do descompasso da indústria têxtil com a natureza, afirmando que “a maioria dos problemas ambientais causados pelo setor da moda são endêmicos e não incidentais. São consequência da forma como o modelo atual está estruturado. Quanto melhor o desempenho do setor, piores serão os problemas” (Fletcher e Tham, 2019, p.13), e por isso defendem que uma mudança sistêmica é necessária se há real intenção de frear a crise ecológica global. Mesmo que se implemente melhorias em determinados setores da cadeia produtiva têxtil, o objetivo geral ainda será o mesmo: crescimento econômico a todo custo. A custo de rios, florestas, trabalho digno. O objetivo precisa ser outro. Outros. A cadeia produtiva precisa ser menos linear e mais circular, ter pluralidade, como uma rede de micélios, que se entenda como unidade com a natureza e se preocupe com sua própria sobrevivência. Virar sistema, um sistema de moda. Para tanto, é necessária a substituição do realismo capitalista (Fisher, 2018), cosmovisão característica desse sistema econômico que, em termos simples, ecoa que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que do capitalismo, para uma que acredite na possibilidade de mudança com o objetivo de criar um futuro possível para a vida na Terra.

Quem pode ofertar tais cosmovisões são os povos originários, que, muito antes da implementação do modelo de produção atual, já portavam vasto conhecimento sobre – em termos ocidentais – o equilíbrio e respeito na interação com a natureza, tendo vivido séculos em harmonia com a floresta – sendo eles mesmos parte

constituente e indissociável dela, criando-a e essa criando-os de volta – e desenvolvido sofisticadas tecnologias, como aponta Ailton Krenak e Davi Kopenawa em suas obras. Como, então, fazer essa troca? Como imbuir de sabedoria ancestral um sistema de moda? Como fazer com que passemos a imaginar ativamente um outro mundo possível? Como estimular, nas palavras do próprio Krenak, um “futuro ancestral”?

Permanecendo na área do design, a aposta dessa pesquisa é o design especulativo. Segundo Anthony Dunne e Fiona Raby (2013), o design especulativo é um método “catalisador para redefinir coletivamente nossa relação com a realidade” a partir das reflexões sobre a importância de ações no presente que determinada obra pode gerar. É objetivo dessa pesquisa, portanto, abordar a incompatibilidade do modelo produtivo e econômico aos quais a cadeia produtiva e o mercado de moda estão submetidos com a saúde do planeta e o equilíbrio humano-natureza, apresentando culturas, costumes, tecnologias e indumentárias de povos originários do Brasil como cosmovisões alternativas a partir do design especulativo como método de destrave do imaginário e impulsionador da ação transformadora.

Para o quadriculado do branco, o sinuoso do rio

Em “O Capital”, Marx apresenta o trabalho como a forma pela qual o ser humano interfere no mundo a sua volta, criando sua própria realidade e, por consequência, modificando a si mesmo. No sistema capitalista, essa relação entre humano e mundo serve para um único propósito: geração de capital. Aliena-se o ser humano da natureza, do tempo, e do fruto do seu próprio trabalho para que seja possível explorar tudo isso. A alienação da relação humano-natureza, advinda de um pensamento de centralidade do ser humano no esquema das coisas, permite que nossa espécie se coloque em objeção ao mundo natural e passe a vê-lo como recurso, algo a ser explorado.

A ditadura empresarial-militar brasileira, por exemplo, trabalhou para associar à Amazônia slogans como “deserto humano”, “deserto verde”, e até “inferno verde”, na intenção de difundir a “ignorância intencional”, como bem citado por Eliane Brum em “Banzeiro Òkòtó”, de que essa era terra “virgem, intocada por humanas”, o que justificaria sua invasão e destruição. Há, contudo e obviamente, problemas nessa interpretação: a natureza não é uma dádiva de recursos inesgotáveis dada por um deus para a humanidade. Na verdade, nós, humanos, somos mais um dos elementos desse organismo, indissociáveis disso que chamamos natureza. Temos criado um sistema produtivo que ignora propositalmente tais fatos, é o que tem causado o desequilíbrio que culmina na crise ecológica global.

Na palestra de abertura da exposição “Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak”, Ailton cita a história do cacique norte-americano Seattle, que ao ser confrontado com a oferta de compra das terras em que vive seu povo, questiona a própria lógica da propriedade privada, ao afirmar que eles não a possuem e não a

podem vender, pois são parte da terra também. Em concordância com essa anedota, no texto “O amanhã não está à venda”, Krenak defende que a humanidade por muito tempo tem se alienado “desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa, e nós, outra: a Terra e a humanidade” completando: “eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2020).

É possível interpretar, portanto, que a relação de povos originários com a natureza é de unidade, de indissociação, em oposição a relação capitalista, ocidental, que enxerga tudo o que não é humano como recurso – e considerando a desigualdade e desumanização comum a esse sistema, até indivíduos da própria espécie viram alvos de exploração. E essa oposição de cosmovisões não é harmoniosa, não pode conviver. Ao contrário, é uma de conflito permanente.

Brum afirma que “ao se tornar uma força de destruição capaz de alterar o clima do planeta, a parcela minoritária, mas dominante, de humanos forjou um futuro hostil para o conjunto da espécie – e para todas as outras espécies que em nada contribuíram para o superaquecimento global” (Brum, 2021, pag. 69), e para se perpetuar no poder, essa minoria dominante de humanos capitalistas, depois de comerem quase todo o planeta, diz ter a solução para regenerá-lo.

A própria ideia de sustentabilidade e suas variações, na interpretação dos povos da floresta e seus aliados, é insuficiente para adiar o fim do mundo. “Existe um desejo de que essa condição de consumo da vida se estenda por tempo indeterminado, sem que a máquina de fazer coisas precise ser desligada” (Krenak, 2020), ignorando o iminente curto-circuito por superaquecimento ao continuar financiando “gatos” mirabolantes ao invés de encarar o problema de forma definitiva – investindo em uma grande reforma.

A batalha pela Amazônia e por toda a vida na terra “não é uma luta pelo desenvolvimento sustentável. Esse é um termo empregado por aqueles que julgam possível sair do abismo sem abrir mão do sistema capitalista que nos trouxe até o abismo” (Brum, 2021). Trazendo essa interpretação para a moda, é possível inferir que medidas isoladas, inseridas na lógica de consumo e dependentes da escolha pessoal dos consumidores (como *upcycling* ou o desenvolvimento e adoção de materiais reciclados), dificilmente serão solução para os problemas ambientais que essa indústria causa. É preciso pensar soluções sistêmicas e numa lógica oposta à de consumo, capitalista, que seja intrinsecamente ligada às reais necessidades humanas e mais-que-humanas, que tenha raízes firmes no planeta Terra, que flua com rios terrestres e voadores.

Por sorte, e apesar das históricas e contínuas tentativas de exterminá-los, há povos que sabem bem como estar no planeta, em harmonia, e a inspiração em suas cosmovisões pode contribuir com diretrizes e ferramentas para o desenvolvimento de um mundo possível para todos os seres humanos e mais-que-humanos. Referindo-se aos povos originários de todo o mundo, Ailton Krenak proclama que “essa gente é a cura para a febre do planeta,

e acredito que podem nos contagiar positivamente com uma percepção diferente da vida. Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra” (Krenak, 2020, p. 73).

Nesse sentido, o contrário de guerra é integração. Para o conflito, é necessário responder com confluência. Para a rigidez, fluidez. Um dos representantes de Palos Blancos, município agroecológico situado na Amazônia boliviana, que conseguiu implementar um sistema de produção ancestral, se refere ao estado do rio quando ainda dividido para a mineração como “todo quadriculado” (Bedinelli, 2024), lembrando que “as sinuosidades do corpo dos rios é insuportável para a mente reta, concreta e ereta de quem planeja o urbano” (Krenak, 2022), e demonstrando o contrário da potência fluida que comumente os rios significam na visão desses povos

Vê-se isso na história de origem dos rios do povo Yanomami contada por Davi Kopenawa, que narra Omama, o criador, na intenção de matar a cede de seu filho, furando profundamente a terra com uma lança de metal e fazendo jorrar água “violentamente em direção ao céu”, trazendo consigo “peixes, raias e jacarés” até que, por fim, toda essa água foi “se acumulando na terra e começou a correr em todas as direções, formando os rios, igarapés e os lagos da floresta” (Kopenawa e Albert, 2015). Da mesma forma é possível pensar a diferença entre a complexidade e espontaneidade da vida que flui em uma agrofloresta e o cartesianismo estéril das monoculturas, e especificamente na moda, toda a cadeia de produção que desemboca em peças de *fast-fashion* com aquelas produzidas em comunidade e com o algodão orgânico das tecelãs do vale do Jequitinhonha, por exemplo.

É preciso, então, que nosso devir na Terra seja sincrônico com toda a vida daqui, que o impacto que causamos no planeta seja reflexo exclusivamente da nossa “pisada leve, bem leve”, como diz Krenak. Para tanto, é preciso que reformulemos - ou, até mesmo, reflorestemos - nossos valores e formas de organização social radicalmente.

Para além de inspiração difusa, pode-se absorver diretamente o que os povos da floresta pensam para o futuro: no Fórum Social Panamazônico (FOSPA), composto por países da Pan-Amazônia, 1,5 mil vozes de povos da floresta, aliados e ativistas se reúnem para discutir soluções para a crise climática e produzir documentos com eixos temáticos que podem servir de guia para ações políticas, criação de políticas públicas e, por que não, reformulação de sistemas produtivos. Na moda, é preciso reimaginar a técnica e nossos sistemas de produção. Ailton diz que “construímos justificativas para incidir sobre o mundo como se fosse uma matéria plástica: podemos fazê-lo ficar quadrado, plano, podemos esticá-lo, puxá-lo” (Krenak, 2020), mas o paradigma agora é outro: manter o curso do rio e aprender a se diluir nele. Pensar um sistema de moda que não force o enquadramento de toda a vida na Terra em uma artificialidade humana pelo bem-estar de pouquíssimos indivíduos dessa espécie específica.

Método de destrave e impulsionador da criação: Design Especulativo

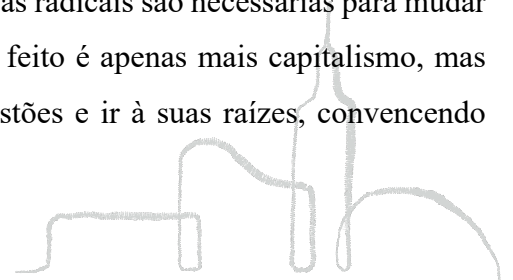
É possível que se duvide da possibilidade de implementação de um sistema de moda com as características citadas acima, dado que mudanças radicais ou minimamente significativas, principalmente envolvendo (macro)economia, exigem uma mudança de conjuntura política, e por consequência mobilização de massas e disputas por poder. A máquina capitalista parece grande, sólida e profundamente fincada na terra. Mas, como lembrou Ursula K. Le Guin, “o poder do capitalismo parece inevitável, mas era assim também com o poder divino dos reis”. Essa própria descrença na possibilidade de mudança é uma ferramenta de dominação. Mark Fisher chama de “realismo capitalista” essa crença, fruto da ideologia encrustada nas mentes e corações, tão viral e influente que já nem é notada, sistematicamente difundida não apenas por discursos estritamente políticos, mas pela cultura, de que, ainda com seus defeitos, esse é o melhor dos mundos possíveis, mesmo sendo um mundo hostil para a vasta maioria de seus habitantes, humanos ou não.

É preciso que consigamos imaginar realidades diferentes dessa e acreditar na possibilidade da sua execução. O design, se vestido pelas mãos do capital, é mais uma ferramenta que existe para gerar e maximizar lucro. Mas pode também ser “catálise para redefinir coletivamente nossa relação com a realidade” (Dunne; Raby, 2019, p. 2). Esse é um dos objetivos do design especulativo, abordagem que visa conectar conceitos de futuros a pessoas através da materialidade.

Propõe que a partir de um objeto feito com a tecnologia fruto de um futuro específico em mente, pensado a partir de dados da realidade, com seus problemas socioeconômicos, ambientais e políticos próprios, o interlocutor possa refletir sobre quais caminhos levaram a esse futuro, a que futuro a presente conjectura pode nos levar, qual futuro queremos e o que precisamos fazer para atingi-lo. Se diferencia do design tradicional porque renuncia à utilidade atual do objeto ao optar por se adiantar em uma dimensão do tempo futuro e trazer solução para um problema ficcional, mas baseado em uma realidade que pode vir a ser. Espera-se, então, que seja possível não apenas a imaginação e planejamento de um sistema de moda centrado no planeta a partir do design especulativo, mas que esse sistema seja possivelmente cocriado a partir da instigação do interesse do interlocutor.

Considerações Finais

A princípio, o que parecia muito importante para o desenvolvimento dessa pesquisa era a explanação da sua justificativa. O iminente “fim do mundo”, a noção clara de que mudanças radicais são necessárias para mudar tanto em tão pouco tempo e a percepção de que o pouco que parecia ser feito é apenas mais capitalismo, mas vestido de verde, geram tamanha preocupação que jogar luz a essas questões e ir à suas raízes, convencendo interlocutores do risco que corremos, é quase instintivo.



O desenvolvimento da pesquisa fez ver que o “fim do mundo” é de um mundo específico: ocidental, colonial, branco, capitalista. E se a perspectiva é de sobrevivência na Terra, esse mundo precisa mesmo acabar e deixar nascer um outro. E por mais que não seja o escopo dessa pesquisa mudar todo um sistema macroeconômico, ela pode sim (re)pensar um sistema de produção. A partir disso, a busca pelo desenho desse novo mundo e de como vesti-lo foi de fato ganhando sentido e tomando seu espaço na pesquisa. Amadurecendo. Contudo, se faz necessário ainda apresentar de forma mais clara a incompatibilidade entre o sistema capitalista, no qual a cadeia produtiva de moda atual opera, e a vida na Terra, apresentando, em versões futuras dessa pesquisa, uma forma de oposição entre o crescimento econômico de países, setores e empresas e seus possíveis impactos no ecossistema.

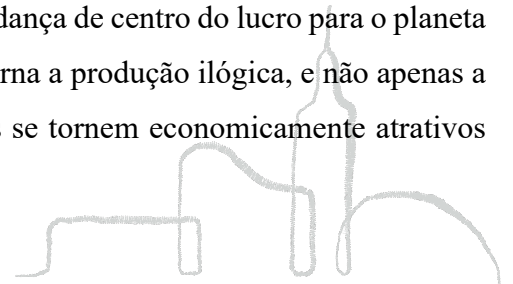
Até o presente momento dessa pesquisa, foi possível apresentar uma prévia do que seriam os princípios norteadores do desenvolvimento desse sistema de moda centrado no planeta a partir do design especulativo partindo de uma comparação entre o estado da cadeia produtiva de moda atual e o sistema de moda almejado, expressa na figura 2.

Figura 2: Prévia em infográfico.



Fonte: Autoria própria.

O infográfico não se apresenta em ordem de importância, mas a mudança de centro do lucro para o planeta é, com certeza, muito significativa. Esse foco, na perspectiva ambiental, torna a produção ilógica, e não apenas a de bens têxteis. É o que faz, por exemplo, que bens acabados importados se tornem economicamente atrativos



para o consumidor final e que seja mais lucrativa a utilização de materiais advindos de outro extremo do planeta, vindos de navio, do que de materiais produzidos no próprio país, favorecendo emissões de CO².

Por isso, se percebe que um sistema de moda centrado no planeta precisa fortalecer as comunidades locais por meio da valorização e potencialização das vocações socioeconômicas de cada região, mudando de uma perspectiva global para uma local.

Junto a esse processo, é necessário que seja estabelecida uma coesão entre a classe trabalhadora para que o sistema se mantenha operante, e para tanto é preciso que haja uma conscientização acerca do poder da organização dos trabalhadores e dos benefícios que estes e a comunidade como um todo obtém ao se organizarem horizontalmente, como salários justos, diminuição da carga horária/de trabalho e produção apenas do que é necessário, estimulando uma mudança de uma organização alienada do trabalho para uma comunal.

E por fim, enquanto a humanidade não se entender como parte de um todo, não haverá futuro possível para ela. Essa perspectiva precisa estar também no sistema de moda. Para além de considerar as necessidades humanas, precisa considerar os mais-que-humanos seres de direitos (Fospa, 2024). Diversos animais, rios, mares, florestas, todos os seres do planeta existem juntos, em equilíbrio, e precisam ter sua integridade respeitada para que haja manutenção da vida.

Referências

BEDINELLI, Talita. A Floresta Tem Um Plano Para Salvar o Planeta da Crise Climática. **SUMAÚMA**, 2024. Disponível em: <<https://sumauma.com/a-floresta-tem-um-plano-para-salvar-o-planeta-da-crise-climatica/>> Acesso em: 24/08/2024.

BRUM, Eliane. **Banzeiro Òkòtò**: Uma Viagem à Amazônia Centro do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DUNNE, Anthony; RABY, Fiona. **Speculative Everything**: Design, Fiction and Social Dreaming. Londres: The MIT Press, 2013.

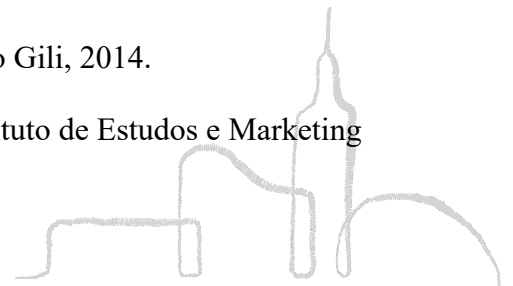
FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: É Mais Fácil Imaginar o Fim do Mundo do que o Fim do Capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FLEATHER, Kate; THAM, Mathilda. **Earth Logic**: Fashion Action Research Plan. Londres: JJ Charitable Trust, 2019.

FOSPA. **Compilado de Conclusiones Del XI FOSPA**. Rurrenabaque: FOSPA, 2024.

GWILT, Alison. **Moda Sustentável**: Um Guia Prático. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

IEMI. **Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira**. São Paulo: Instituto de Estudos e Marketing Industrial, Brasil Têxtil, 2023.



IPCC. **Climate Change 2023**: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva: IPCC, 2023.

KENT, Sarah. Widespread Inaction on Sustainability Eclipses Progress at Fashion's Biggest Companies.

Website do Business of Fashion. Disponível em:

<<https://www.businessoffashion.com/articles/sustainability/widespread-inaction-on-sustainability-eclipses-progress-at-fashion-s-biggest-companies/>> Acesso em:<24/04/2024>

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**: Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Schwarcz, 2015.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não É Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: A Moda e Seu Destino nas Sociedades Modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MISTRA. **Investor Brief**: Sustainability in Textiles and Fashion. Estocolmo: The Swedish Foundation for Strategic Environmental Research, 2020.

SAITO, Kohei. **Marx in the Anthropocene**: Towards the Idea of Degrowth Communism. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

SVENDSEN, Lars. **Moda: Uma Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

